

DEBATENDO SOBRE E COM AS JUVENTUDES NO CONTEXTO ESCOLAR: EXPERIÊNCIAS DE PESQUISA EM DUAS ESCOLAS CEARENSES

Bruna Muniz da Silva ¹

1. INTRODUÇÃO

O debate acerca das experiências juvenis nas escolas, mobilizadoras de culturas próprias, é permeado pelas tensões e ambiguidades vivenciadas pelos jovens nesta instituição. Sendo espaço relevante na construção de projetos de vida, perspectivas de formação e atuação profissional, a escola é, ao mesmo tempo, lugar de encontros diários entre pares, numa jornada cada vez mais ampliada de aulas, uma tendência no ensino médio brasileiro.

No contexto em que os jovens passam cada vez mais tempo nas escolas, os agentes propositores das políticas públicas e os agentes da escola, como professores e gestores, podem qualificar sua atuação, refletindo sobre a condição juvenil² dos estudantes, por exemplo. A abordagem e problematização, no entanto, dependem de espaços coletivos de reflexão e ações que mobilizem o pertinente debate sobre as juventudes na escola.

O cenário em que se inserem estas juventudes, a partir de onde emergem os diálogos propostos, é o das Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral (EEMTI), especificamente não-profissionalizantes, modalidade de ensino médio recente no estado do Ceará, iniciada em 2016, e que integra os esforços de universalização do ensino em tempo integral³ ao mesmo tempo em que parte de princípios como comunidade de aprendizagem, aprendizagem cooperativa e protagonismo juvenil no intuito de ofertar um ensino mais significativo aos jovens. Além disso, as EEMTI's tem mais diversidade de componentes curriculares na Parte Diversificada do

¹ Professora da rede estadual do Ceará, Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Sociologia (UFC), mulher, negra, Fortaleza, prof.socio.bruna@gmail.com

² “modo como uma sociedade contribui e atribui significado a esse momento do ciclo da vida, no contexto de uma dimensão histórico-geracional, mas também a sua situação, ou seja, o modo como tal condição é vivida a partir dos diversos recortes referidos às diferenças sociais – classe, gênero, etnia, etc.” (DAYRELL, 2007, p. 1108).

³ O ensino em tempo integral como tendência nas políticas educacionais tem marcos importantes, como o Plano Nacional de Educação (2014-2024) que define como meta 6 “oferecer educação em tempo integral em, no mínimo, 50% (cinquenta por cento) das escolas públicas, de forma a atender, pelo menos, 25% (vinte e cinco por cento) dos(as) alunos(as) da educação básica” (BRASIL, 2014). A Medida Provisória nº 746/2016, que institui o Novo Ensino Médio reforça esse aspecto no campo das políticas educacionais, assim como a atualização das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (DCN) em 2018 e a formulação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) partem da correspondência necessária entre educação em tempo integral e ensino integral. No Ceará, a Política de Ensino Médio em Tempo Integral no âmbito da rede estadual de ensino foi instituída pela Lei Nº 16.287/2017 para atender às demandas do PNE.

currículo, para além das disciplinas da Base Comum (BNCC, 2022). São exemplos os estudos orientados, projetos de vida, clubes estudantis, e a própria formação cidadã (inserida no projeto diretor de turma), momentos, a princípios, ofertados de acordo com os interesses dos jovens e do reforço de sua autonomia estudantil.

Nesse sentido, este trabalho apresenta ações estratégicas desenvolvidas em duas escolas de tempo integral de Fortaleza e Região Metropolitana que, num contexto mútuo de pesquisa e ensino, tornaram possível momentos de reflexão sobre e com os jovens nas escolas. A primeira ação, intitulada “Diálogos docentes sobre as juventudes no ensino médio cearense”, consiste na proposição de um roteiro para que docentes debatam e reflitam entre si, num diálogo entre pares, sobre os significados de ser jovem e sobre suas relações com os jovens que são seus alunos e os contextos sociais nos quais se inserem.

A segunda ação, intitulada “Oficina Sonora - compartilhamento e debates sobre música com os jovens das escolas”, consiste no diálogo e audição coletiva de canções escolhidas pelos jovens, para debater com os mesmos sobre seus modos de consumo musical, considerando as músicas que ouvem, em que momentos e que sentimentos e experiências são acionados a partir deste tipo de consumo.

As duas ações são estratégias que integram o escopo mais amplo da pesquisa de doutorado em andamento⁴, intitulada “Práticas e sentidos da experiência juvenil com a música em duas escolas de tempo integral cearenses”, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará. Além disso, foram realizadas nas duas escolas que são campo na investigação no esforço de mobilizar o debate necessário à pesquisa de modo mais direto no contexto escolar. Importante ressaltar que no decorrer da pesquisa tenho adaptado estratégias pedagógicas, acumuladas na experiência docente, que mobilizam coletivos de jovens na escola em torno dos assuntos da pesquisa, sobremaneira a música.

A abordagem metodológica da pesquisa geral se dá por métodos mistos, com abordagem quantitativa, com aplicação de questionários com os jovens, e qualitativa através da realização de trabalho de campo, com observações sistemáticas, rodas de conversa e a oficina sonora com os jovens de duas escolas estaduais de tempo integral (EEMTI), uma situada em Fortaleza e outra situada em Horizonte, município da Região Metropolitana de Fortaleza. As oficinas sonoras, neste conjunto, também foram pensadas como momentos preparatórios para grupos focais que serão realizados nas escolas posteriormente.

⁴ Pesquisa em processo com apoio e financiamento da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico –FUNCAP.



Para esta reflexão, utilizo como referência dois momentos pontuais do andamento da pesquisa, já aplicados, e que mobilizaram as discussões do campo ao mesmo tempo em que foram relevantes para realizar o debate sobre juventudes nas duas escolas. Tais ações de diálogo com docentes e jovens na escola são intervenções que abrem à compreensão atenta e aberta aos significados de ser jovem, dentro e fora da escola, no esforço de considerá-los como sujeitos que fazem parte da solução dos problemas da escola, e não meras expressões destes problemas. A realização de momentos de diálogo sobre as juventudes nas escolas surgiu da necessidade de mobilizar o debate sobre este tema de modo que as discussões e reflexões acumuladas na pesquisa, sobretudo no que concerne a sociologia da juventude, fossem partilhadas, extrapolando a discussão acadêmica.

O planejamento e execução do diálogo com os docentes teve como ponto de partida a apresentação e contextualização de categorias importantes da sociologia da juventude que fundamentam uma compreensão para além da condição de estudantes, tais como juventudes (no plural), condição juvenil e as tensões entre juventudes e escolas. Por essa abordagem, a reflexão sobre os diálogos com os docentes será o primeiro tópico de discussão, e em seguida, apresentarei os diálogos com os jovens, focalizando a relevância da música na vivência proposta. As possibilidades de olhar de frente para os tensionamentos e pertencimentos diversos envolvidos na relação juventudes e escola abrem novas realidades e modos de compreender tal relação.

2. PARA ALÉM DA CONDIÇÃO DE ESTUDANTE: DIÁLOGOS DOCENTES SOBRE OS JOVENS NA ESCOLA

O questionamento sobre se “a escola faz as juventudes?” (DAYRELL, 2007, p. 1105) se renova a cada momento do ensino médio brasileiro, tendo em vista o surgimento de novos formatos, com seus próprios desafios e potencialidades. Diante das tensões existentes entre escolas e juventudes, sobre as quais reflete o autor apontando a necessidade de repensar a escola para responder aos desafios colocados pela juventude (DAYRELL, 2007), o ensino médio em tempo integral, no cenário de reformas contemporâneas desta etapa, tem sido umas das “respostas” no campo das políticas educacionais, aos problemas enfrentados pelos jovens para concluir os estudos.

As escolas que são campo de investigação da pesquisa são de tempo integral, o que, a princípio, configura mais tempo disponível para diversificação do currículo e das práticas de



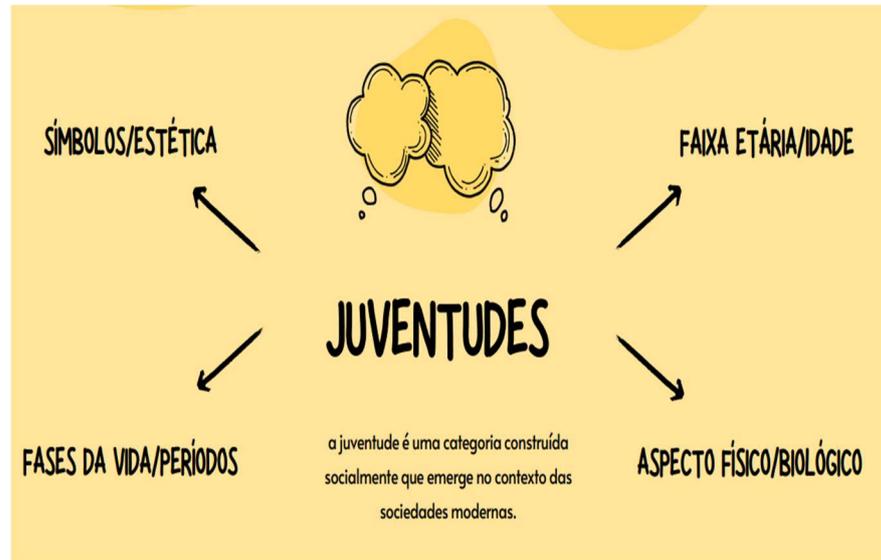
ensino e aprendizagem, ou ainda, maior contato e expressão das vivências culturais juvenis em momentos da rotina escolar. No entanto, sejam da Base Comum ou eletivas, clubes estudantis, estudos orientados, ou outros componentes curriculares, na maior parte dos dias o tempo integral prevalece como carga horária de aulas em dobro. Este aspecto situa em parte as escolas onde foram realizadas as intervenções com os docentes, em suma, escolas onde apesar da carga horária ampliada, são raros os momentos de parada para reflexão e planejamento coletivo com a equipe de professores e gestão completa ou quase completa.

No cenário escolar em que os interesses, posições e atitudes de jovens e professores quase sempre se contradizem, o exercício crítico de repensar as visões que uns carregam sobre os outros é pertinente para romper o ciclo do “jogo de culpados”, em que jovens são vistos como problemas na escola, e esta é vista como um mal necessário a eles (DAYRELL, CARRANO, 2014).

A ação que propõe o diálogo entre docentes parte dessa realidade por entender que o debate orientado pelo esforço pedagógico e ético de compreender melhor as juventudes pode gerar impactos nas relações cotidianas, imprimindo mais tolerância à alteridade entre professores e alunos. De modo geral, o diálogo é uma iniciativa que visa lidar diretamente com um conflito fundamental das escolas: a invisibilidade do jovem que há no aluno, no contexto de estranhamento e negação das culturas juvenis (LIMA FILHO, 2020).

No contexto mais amplo da pesquisa, os diálogos docentes foram propostos às escolas como momento de compartilhamento das reflexões sobre jovens acumuladas na pesquisa, com apresentação prévia de dados destacados dos questionários aplicados em momento anterior da investigação com os jovens destas escolas. Nas duas escolas foram realizados em momentos de planejamento com participação de professores e da gestão escolar, sendo que na escola de Horizonte foi realizado em momento único com toda a equipe presente, e na escola de Fortaleza foram realizados dois momentos, com os docentes das áreas de conhecimento divididos.

O diálogo iniciou com a pergunta geradora “o que é ser jovem para você?” que deveria ser respondida em uma palavra ou termo. Nas primeiras palavras dos professores já se notam os sentidos atribuídos aos jovens, por exemplo “ser frágil”, “ser corajoso”, “ter muita pressa”. Após esse primeiro momento, apresentei a noção de juventudes no plural, representada por um esquema destacando algumas dimensões. A partir desse esquema, os docentes conversaram sobre como estas dimensões estão articuladas e se apresentam no cotidiano com os estudantes, sobretudo ressaltando como o demarcador geracional, para enfatizar este aspecto da juventude, se associa a outros demarcadores como classe, raça ou território de origem/moradia em suas vivências. Abaixo, em destaque, imagem do esquema utilizado na reflexão coletiva.



Fonte: elaboração própria a partir de verbete (LIMA FILHO, 2020b)

Ao destacar dimensões no esquema acima apresentado, os docentes, coordenadores e diretores mencionavam relatos de situações enfrentadas pelos jovens dentro e fora da escola, ou ainda experiências próprias em suas juventudes que representassem as dimensões em destaque. Dimensionar a juventude como uma experiência diversa entre novas e antigas gerações foi o primeiro passo na reflexão para seguir ao debate sobre a condição juvenil.

Ao abordar a noção de condição juvenil, enfatizada pela relação entre o modo como se constroem socialmente os significados e as situações sociais para os jovens em determinada sociedade, os docentes se aprofundavam, com frequência, nas dimensões do trabalho e da escolaridade. Neste caso, a partir da rememoração das condições de estudos que tiveram em suas juventudes, estabeleciam comparação com as condições atuais das escolas e das facilidades na vida de estudantes e/ou futuros profissionais no mercado de trabalho. Prevaleceu, nas duas escolas, o destaque dado pelos profissionais às oportunidades, representadas centralmente pelo modelo da escola em tempo integral, que os jovens tem de melhorar sua condição juvenil via estudos, sem que destacassem as dificuldades estruturais persistentes ainda enfrentadas pelas escolas públicas.

No esforço de contextualizar a condição juvenil dos jovens inclusos em cada escola ou rede de ensino, foi interessante na intervenção o uso de dados sobre as juventudes cearenses, o mais específico que englobasse a realidade das duas escolas pesquisadas. A partir da abordagem do Índice de Vulnerabilidade Social da Juventude (IVSJ), apresentados pelo IPECE, os docentes puderam refletir sobre o contexto mais amplo quanto à índices de saúde (gravidez na adolescência), educação (evasão escolar), violência (risco de morte por óbitos violentos),



emprego (desemprego/empregos formais), agrupados no IVSJ que diagnostica a situação dos jovens por municípios.

Após apresentação dos dados por município, de acordo com a localização de cada escola, apresentei destaques dos dados obtidos nos questionários aplicados na pesquisa. Neste momento, as tensões nos sentidos da escola para os jovens foram enfatizadas pelos docentes. Por exemplo, diante dos dados acerca dos estilos musicais mais e menos ouvidos pelos estudantes, os docentes questionavam a qualidade das produções musicais que são de preferência dos estudantes, ou ainda, criticavam as escolhas de músicas e coreografias em momentos de expressões artísticas nas escolas. Na fala dos professores, ficou demarcado muito fortemente o incômodo ou estranheza diante das expressões artísticas trazidas pelos jovens.

Momentos de diálogos com estes são oportunidades relevantes para os sujeitos da escola refletirem sobre seu contexto, sobre as juventudes com as quais convivem, lidam diariamente, e compartilhem impressões e desafios do trabalho com estes jovens. Utilizar como fio condutor na reflexão categorias sociológicas sobre juventude abre outras vias de compreensão sobre quem são os jovens, suas realidades sociais, econômicas, culturais, situados do chão da escola à territorialidade mais ampla de ser jovem em seu bairro ou município.

A escolha de debater tais questões apenas com gestão e docentes implica as limitações de não contar com o ponto de vista dos jovens no momento da discussão. Ainda assim, quando conduzido como espaço de construção reflexiva de conhecimento sobre os jovens das escolas, o diálogo proposto entre docentes amplia olhares e possíveis práticas pedagógicas mais conectadas com as condições, linguagens e expressões juvenis em suas múltiplas dimensões.

3. OFICINAS SONORAS: OS JOVENS E OS SENTIDOS DAS MÚSICAS

Tomadas como espaços juvenis, as escolas de ensino médio são marcadas por suas formas próprias de sociabilidade, com códigos, símbolos e práticas que dão sentido à convivência, ao “estar junto” dos grupos distintos. (MARTINS; CARRANO, 2011). A música exerce papel central nesse processo, funcionando como meio de expressão dos sentimentos e dilemas dos jovens, além de possibilitar o reconhecimento mútuo entre eles. Com ou sem letras, elementos como ritmo, coreografias, batidas e a prática instrumental também são significativos. Assim, em diferentes momentos, a intersubjetividade presente nas vivências com a música na escola vai sendo tecida pela sociabilidade juvenil ali presente.

No cotidiano escolar das escolas em tempo integral prevalecem as aulas, o que tornou a observação da pesquisa sobre as experiências juvenis com a música nestas escolas localizada em intervalos e momentos culturais, planejados ou espontâneos. A Oficina Sonora, pensada como reflexão mobilizada a partir das músicas trazidas pelos jovens, foi ação que emergiu da necessidade de ouvir e pensar sobre músicas com os jovens, fazer com que as músicas aparecessem, escolhidas por eles, no cotidiano escolar.

Assim, as Oficinas Sonoras consistiram em diálogos com os jovens nas escolas buscando refletir sobre seus modos de consumo musical, considerando as músicas que ouvem, em que momentos e que sentimentos e experiências são acionados a partir deste tipo de consumo, uma vez que no ambiente escolar a música aparece tanto de modo didático nas aulas como nos momentos mais livres de convivência entre os jovens ou nos eventos artísticos e culturais.

No contexto mais amplo da pesquisa, aconteceram duas oficinas sonoras nas duas escolas, de Fortaleza e de Horizonte, em momento posterior ao diálogo com os professores, no primeiro semestre do ano letivo de 2024. Participaram estudantes que compunham as representações de sala (líderes, vice-líderes e secretários de turma), indicados por professores das próprias escolas. No momento de audição e relatos sobre as músicas foram expressadas experiências diversas com a música dentro e fora da escola, sentidos individuais e coletivos, emoções, sensações e ideias associados às músicas escolhidas que, segundo estes jovens, diziam muito sobre eles. Neste diálogo, a música se mostrou meio poderoso de estabelecer conexões com os jovens da pesquisa, tendo em vista a aproximação sensível do debate proposto com suas experiências.

A oficina sonora se iniciou com a audição da música “Uma música”⁵, composta e interpretada por Saulo Duarte, para destacar a capacidade da música de mudar nosso humor, de ajudar a suportar dores emocionais, de ser ânimo. Os jovens nas duas escolas reiteraram este aspecto exemplificando com suas próprias canções preferidas. Após uma rodada de apresentação, pedindo que mencionassem sua relação com a música no cotidiano (por exemplo: se escutam com frequência, que estilos escutam, se produzem, dançam ou compõem) para um levantamento geral.

Na sequência, divididos em duplas e trios, os jovens precisaram escolher juntos canções associadas a experiências ou situações vividas que se enquadrassem nos seguintes temas: “uma

⁵ UMA MÚSICA. Intérprete: Saulo Duarte. Compositor: Saulo Duarte. In: Cine Ruptura. São Paulo: YB Music, 2016. Formato digital, single (4min13).



música que me deixa feliz”, “uma música que fala sobre amizade”, “uma música de amor”, “uma música que fala sobre desafios”, “um sentimento, uma música”. Para cada tema, o trio ou dupla elencou uma música e estas foram coletivamente apresentadas e discutidas, no esforço de tecer sentidos a partir do compartilhamento de experiências acionadas pelas músicas escolhidas.

No compartilhamento, os jovens enfatizaram histórias e pessoas marcantes de suas vidas acionadas ou lembradas a partir das canções escolhidas. Os próprios temas apresentados favoreciam músicas que tratassem de questões mais individuais, de sentimentos e afetos das relações de amizade, amorosas ou familiares, o que parece extrapolar a perspectiva sociológica mais atenta às questões coletivas expostas a partir de músicas. Além disso, a música que tematizava os “desafios” da vida trouxe para discussão sensações, expectativas e pressões vividas quanto à escolarização, ao estar na escola e as perspectivas de futuro.

A partir das canções escolhidas, em uma das escolas, os jovens mencionaram disputas entre dois clubes estudantis de dança sobre o uso de determinada música como trilha sonora em suas apresentações artísticas e enfatizaram como isso modificou relações e grupos de amizade até então consolidados ali. Nas duas escolas foi recorrente a escolha de músicas que funcionam como referência de tranquilidade, apaziguamento das tensões emocionais vividas por estes jovens, enfatizando a importância das músicas em seu cotidiano.

A reflexão temática a partir das músicas escolhidas pelos jovens, de modo compartilhado na Oficina, expôs suas trajetórias e relações, experiências, em suma, sociabilidades dentro e fora da escola, extrapolar o debate sobre as tensões ali vivenciadas no constituir-se aluno. Partindo da noção de cotidiano escolar como “terreno de reflexividades” (PAIS, 2007), isso implica que, apesar dos limites, os jovens são sujeitos que insistem em constituírem-se reflexivamente nas escolas, elaborando diariamente questões e “soluções” sobre quem são e o que devem/podem fazer, de modo individual/pessoal e coletivo.

Neste caso, é relevante ressaltar que as individualidades se constituem socialmente, cada jovem vivendo sua biografia, com questionamentos, decisões, riscos e oportunidades característicos num cenário de dialética local-global acentuada (globalização), constrói reflexivamente em sua trajetória uma “autoidentidade” que é necessariamente contextual e móvel, na medida em que o “eu” como projeto reflexivo é uma constante da vida social na modernidade tardia (GIDDENS, 2002).

Em tal modernidade, um elemento central para pensar as relações sociais é a escolha, o que inclui a necessidade de cada indivíduo construir sua própria “narrativa particular de autoidentidade”, decidindo rotineiramente quem se é. Assim, o “eu” constitui-se de modo relacional quanto aos encontros e afetos cotidianos, seja com familiares, amigos, etc. As



músicas escolhidas nas Oficinas serviram como meio de expressão para que os jovens elencassem elementos fundamentais de seus percursos ou projetos de “eu” até aquele momento.

Os relatos apresentados nas Oficinas, que enfatizavam a centralidade dos laços sociais mais próximos, como amigos e familiares, colocaram em destaque a dimensão afetiva e a importância que os jovens atribuem aos vínculos estabelecidos entre si, sobretudo nos momentos de envolvimento ou tensão emocional, dentro ou fora da escola que provocam conexão a partir das experiências afetivas e/ou amorosas, notáveis nos abraços, com sorrisos ou lágrimas, compartilhados.

Nesse sentido, as oficinas expuseram as relações entre as músicas ouvidas e refletidas pelos jovens, suas afetividades da “vida pessoal”, suas sociabilidades e a questão de quem “são”, como se percebem ou querem ser, com ênfase nos valores e visões de mundo. A “parada” reflexiva para dimensionar músicas e experiências produziu nos grupos participantes da Oficina, momento rico de sociabilidade em torno da música, na medida em que os assuntos e angústias da experiência do “eu” sentidos, vividos e relatados, até certo ponto, foram ampliados para um “nós” provisório firmado pelas sensações mobilizadas pelas músicas.

Escolher previamente temas e associá-los às músicas de preferência dos jovens para estimular a discussão sobre suas experiências garantiu menos formalidade, menos similaridade com uma aula “comum” (com conceitos ou categorias de análise), o que tornou o momento mais reflexivo, de compartilhamento amistoso e entusiasmado entre os jovens participantes. Em razão do tempo disponibilizado nas escolas para realização das oficinas (2 horas/aula) e da quantidade de participantes (15 e 18 participantes, em cada escola), o agrupamento por trios e duplas garantiu o diálogo com participação de todos, mesmo sem a fala e as respostas individualizadas em relação aos temas/músicas elencados. Para maior detalhamento quanto aos sentidos e experiências individuais, seria pertinente diminuir a quantidade de participantes para dar conta do debate dentro do tempo disponível.

Mesmo emergindo a partir de questões da pesquisa mais ampla em andamento, as Oficinas Sonoras constituem potenciais pedagógicos adaptáveis por quaisquer aulas ou momentos formativos interessados em compreender e dialogar com as expressões musicais das juventudes de nosso tempo. No caso da Sociologia ou de outras disciplinas das Ciências Humanas, há ainda a aproximação possível como conteúdos e categorias de análise sociais, históricas e culturais.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo das experiências de pesquisa, as ações em foco, ainda que tenham sido contribuições pontuais tanto no contexto das escolas pesquisadas como no âmbito da rede de ensino como um todo, proporcionaram momentos de diálogos importantes para reflexão dos sujeitos escolares sobre as juventudes que extrapolassem a noção de juventude como “problema” (PAIS, 1990). A possibilidade de parar para refletir, resgatar e expressar experiências, sentimentos, acumular saberes sobre as juventudes, já vividas ou em processo, é uma contribuição valiosa das intervenções discutidas neste trabalho, tendo em vista os dias letivos e suas demandas que “atropelam” os sujeitos escolares.

Nos diálogos com os docentes, a abordagem de categorias como condição juvenil e a noção de juventudes no plural lançou bases para leitura multidimensional dos dados que situaram as juventudes no Ceará, especificamente as dimensões do Índice de Vulnerabilidade Social da Juventude (IPECE, 2020). A análise compartilhada dos dados que compõem o Índice foi permeada pelas informações dos docentes acerca das condições sociais e econômicas vivenciadas pelos jovens estudantes e suas vivências na escola. Numa perspectiva comparada com a macrovisão dos dados (de escala estadual e municipal), tal análise reforça práticas de reflexão e elaboração de sínteses pelos sujeitos escolares acerca de sua própria realidade.

Já no diálogo com os jovens, que se deu no formato de Oficina Sonora, as experiências narradas a partir de ou com as músicas escolhidas, assim como o processo de seleção e relação com os temas sugeridos, criaram oportunidades de expressão musical para os participantes, ainda que numa ação pontual. A escuta atenta, cuidadosa e direcionada das canções escolhidas deu margem às associações entre as experiências individuais dos sujeitos e os sentimentos e afetações em comum envolvidos.

Ao relatarem experiências pessoais lembradas a partir das músicas, os jovens marcaram as Oficinas como momentos de conexão e afetividade, notando durante o processo de escolha, discussão e apresentação coletiva, a importância das canções escolhidas em suas vidas ou ao menos na elaboração de narrativas sobre suas vivências. Ainda que os relatos que mencionaram experiências amorosas, de amizade e familiares tenham sido mais geradores de reflexões e afetações durante a Oficina, destaca-se o caráter social dos elementos biográficos narrados, tanto pela identificação entre pares de algumas experiências em comum, como pela própria construção reflexiva destes jovens que são sujeitos sociais em construção contínua.

No contexto da investigação mais ampla, as ações relatadas tem em comum o esforço de aproveitar momentos pedagógicos para discutir e apresentar reflexões de pesquisa nas



escolas. Isso, de certo modo, “movimenta” os sujeitos a pensarem, a partir de suas experiências, e tendo os diálogos propostos como fios condutores, sobre os significados de ser jovem e sobre a diversidade de suas condições sociais e vivências culturais.

Pensadas como ações que estimulem práticas reflexivas quanto às juventudes nas escolas de ensino médio, os momentos relatados podem ser adaptados ainda como unidades, sequências ou aulas de Sociologia, ou quaisquer componentes curriculares que busquem um olhar contextualizado e mais significativo sobre as juventudes, sejam as do passado ou as do presente. No contexto das escolas em Tempo Integral, que articulam o tempo ampliado ao ensino integral, este olhar fundamentado nas narrativas dos sujeitos pode estimular práticas de protagonismo estudantil, aspecto bastante enfatizado na rede de ensino cearense.

No escopo amplo da pesquisa estes momentos integraram fontes importantes de dados e relatos para produção da tese, mas, para este GT, reforço as potencialidades dos diálogos realizados tanto para práticas de pesquisa como para o próprio ensino sobre as juventudes na escola, de modo que se articulam as teorias e categorias sociológicas às experiências dos sujeitos escolares.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/documento/BNCCAPRESENTACAO.pdf>> . Acesso em: 01 jun. 2025.

DAYRELL, Juarez. A escola faz as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007.

DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares (orgs.). **Juventude e ensino médio**: sujeitos e currículo em diálogo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2002.

IPECE. Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará. **Nota técnica - Índice de Vulnerabilidade Social da Juventude (IVSJ)**. Fortaleza – Ceará: IPECE, 2021.

LIMA FILHO. Irapuan Peixoto. Culturas juvenis no ensino médio: bens culturais e trocas simbólicas em agrupamentos identitários. In.: GONÇALVES, Danyelle Nilin e LIMA FILHO, Irapuan Peixoto (orgs.). **Escola e universidade**: encontros entre sociologia e educação [livro eletrônico]. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2020.



LIMA FILHO, Irapuan Peixoto. Juventude e o ensino de Sociologia (verbete). In.: BRUNETTA, Antonio Alberto; BODART, Cristiano das Neves; CIGALES, Marcelo Pinheiro (orgs.). **Dicionário do Ensino de Sociologia**. 1. ed. Maceió, AL: Editora Café com Sociologia, 2020b.

NERI, Marcelo. **Motivos da Evasão Escolar**. Brasília: Fundação Getulio Vargas, 2009.

PAIS, José Machado. A construção sociológica da juventude: alguns contributos. **Análise Social**, Lisboa, v. 15, p. 105-106, 1990. Disponível em: <<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223033657F3sBS8rp1Yj72MI3.pdf>>. Acesso em: 2 jun. 2025.

PAIS, José Machado. Cotidiano e Reflexividade. **Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 28, n. 98, p. 23-46, jan./abr. 2007. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em 15 jun 2025.